

SUMÁRIO

Apresentação: Tudo o que você queria saber sobre como construir um bom texto sem se estressar <i>Luis A. Marcuschi</i>	9
PRA COMEÇO DE CONVERSA.....	16
Capítulo 1 — O ESTUDO DA LÍNGUA	23
1.1. Em busca de mais qualidade	23
1.2. Velhos rumos	25
1.3. O que é o processo de escrever?	28
1.4. O texto, por quê?	39
1.5. O quê, no texto?	41
Capítulo 2 — A COESÃO DO TEXTO	43
2.1. O que é a coesão?	43
2.2. Que funções tem a coesão do texto?	47
Capítulo 3 — COMO SE FAZ A COESÃO?	50
3.1. Relações textuais responsáveis pela coesão	52
Capítulo 4 — PROCEDIMENTOS E RECURSOS DA COESÃO	57
4.1. Procedimentos	57
4.2. Recursos da coesão	60
Capítulo 5 — RECURSOS DA REPETIÇÃO	62
5.1. A paráfrase	62
5.2. O paralelismo	63
5.3. A repetição propriamente dita	71

Capítulo 6 — RECURSOS DA SUBSTITUIÇÃO	86
6.1. A substituição gramatical	86
6.2. A substituição lexical	96
6.3. A retomada por elipse	117
Capítulo 7 — A COESÃO PELA ASSOCIAÇÃO SEMÂNTICA ENTRE AS PALAVRAS	125
Capítulo 8 — A COESÃO PELA CONEXÃO	140
8.1. A conexão	140
8.2. As relações semânticas sinalizadas pela conexão	145
Capítulo 9 — A COESÃO, O LÉXICO E A GRAMÁTICA	164
Capítulo 10 — A COESÃO E A COERÊNCIA	174
Capítulo 11 – QUE A LUTA NÃO SEJA VÃ...	187
FONTES DOS EXEMPLOS APRESENTADOS	194
BIBLIOGRAFIA	195

APRESENTAÇÃO

**TUDO O QUE VOCÊ QUERIA SABER
SOBRE
COMO CONSTRUIR UM BOM TEXTO
SEM SE ESTRESSAR**

Este trabalho da professora universitária e pesquisadora de língua portuguesa, Irlandé Antunes, é mais do que um trabalho sobre a coesão e a coerência textuais. É, sobretudo, um exercício de tradução, em palavras simples e compreensíveis ao leigo, daqueles conceitos teóricos e técnicos que aparecem nos sisudos manuais de lingüística textual. E que muitas vezes passam, sem qualquer mediação explicativa, para os livros didáticos, e a professora ou o professor sequer conseguem saber do que se trata. A capacidade de dizer de maneira simples o complexo é uma das tantas virtudes da obra que você está começando a ler.

De fato, é comum que as professoras e os professores, no ensino fundamental e médio, e também no nível universitário, assinalem nas margens de redações ou de trabalhos de curso expressões como “*falta*

coesão” ou “*não tem coerência*”. Mas o que está mesmo faltando neste caso? O que deveria ser feito para suprir a tal lacuna de coesão e coerência? É disso que esta breve e substantiva análise trata com naturalidade e muita intimidade, como se estivesse ensinando a fazer uma comida gostosa. E tudo isso sem dar receitas simples ou superficiais, além de mostrar a segurança de quem tem uma longa experiência neste tipo de assunto.

Digo isto porque conheço Irandé Antunes e seu trabalho sério de há muito tempo, desde que se ocupava dessas questões no começo da década de 1980, quando escreveu sua dissertação de mestrado sob minha orientação, tendo em seguida desenvolvido tese de doutorado sobre a coesão textual na Universidade Clássica de Lisboa, que acabou se transformando no primeiro livro dedicado exclusivamente ao assunto no Brasil. Esta familiaridade com o tema, aliada a uma enorme experiência com professores da rede pública no ensino fundamental e médio, bem como em universidades públicas e particulares, deu à autora uma sensibilidade incomum para o tom adequado à exposição que atinge o leigo e não enerva o técnico e teórico exigente, pois não é superficial. Essas virtudes vêm aqui aliadas a um texto muito bem humorado e escrito com paixão e carinho, pensando sempre nos leitores.

Sob o ponto de vista teórico, a autora parte da idéia de que a língua não se acha confinada às regras da gramática, nem é uma questão de *certo e errado*, mas é uma atividade social que cria as condições da interação e dos processos comunicativos em geral. Além disso, sustenta que “escrever é, como falar, uma *atividade de interação*, de intercâmbio verbal. Por isso

é que não tem sentido escrever quando não se está procurando *agir com outro*, trocar com alguém alguma informação, alguma idéia, dizer-lhe algo, sob algum pretexto”. Escrever é uma atividade que exige um movimento para o outro, definindo este outro como seu interlocutor. E é nesta relação que o próprio autor se constitui. Ninguém escreve sem um destinatário. É claro que, nessa visão, o que mais conta não vai ser a ortografia nem a simples regra de concordância e sim o desenvolvimento das idéias e a distribuição dos tópicos, a seleção lexical, a contextualização, o estilo que vão produzindo a adequação da escrita. Para a autora, “isso equivale a admitir que a coerência do texto é: *lingüística*, mas é também *contextual*, *extralingüística*, *pragmática*, enfim, no sentido de que depende também de outros fatores que não aqueles puramente internos à língua”. A língua enquanto sistema de formas não comanda tudo.

Baseada nessas premissas, Irlandé Antunes, conhecida por seus trabalhos sobre língua portuguesa numa linha inovadora e ligada à lingüística textual e à análise da sociointeração, desenvolve uma série de argumentos mostrando como os textos são muito mais do que simples formas. Como apontado, o núcleo das observações recai nos processos de coesão e coerência. Mas o que é coesão? Como observá-la? Que faz o aluno quando a professora escreve que seu texto não tem coesão ou lhe falta coerência? Certamente, não se trata de trocar uma palavra, acrescentar ou mudar um conectivo, nem de melhorar o parágrafo ou adequar os tempos verbais e as concordâncias verbo-nominais. Lendo o livro, ficará claro do que se trata, efetivamen-

te. Esta clareza é dada também por outra característica singular da autora: a farta exemplificação com trechos da literatura, do jornalismo e de obras científicas.

Em suma, aqui o leitor encontra uma introdução à produção textual escrita em linguagem acessível. Segundo as próprias palavras da autora, ela pretende

trazer algumas noções básicas, acerca da propriedade textual da coesão e de sua relação com a coerência, com o objetivo de se compreender mais ainda essas noções e, assim, desenvolver nossa competência para falar, ouvir, ler e escrever textos, com mais relevância, consistência e adequação.

Parece pouco, mas é muito, e talvez seja quase tudo o de que necessitamos para tratar questão tão difícil e ao mesmo tempo tão decisiva. Neste afã, Irandé trata de “trocar em miúdos” os termos técnicos e as teorias, oferecendo aos leitores comuns uma ferramenta como não se tinha até agora. Esta é uma obra que sai do pedestal das teorias para chegar à realidade do usuário que mais necessita, isto é, o aluno, a aluna do ensino fundamental e médio, mas também o universitário, bem como o homem e a mulher que já saíram da escola e da universidade e entraram na vida e precisam continuar escrevendo.

Não se trata de *dominar* a língua enquanto uma forma e sim de saber como usá-la de maneira adequada nas mais diversas situações da vida diária e nos mais diversos graus de formalidade ou informalidade que se oferecem e nos quais devemos produzir gêneros textuais variados. “Escrever é sempre escrever textos”, lembra com razão a autora, e por isso não é possível escapar dessa atividade no uso da língua. Escrever não é fazer frases isoladas ou combinar formas apenas, mas

produzir textos que sejam compreensíveis. Isto significa que escrever também é inalienável da leitura: escrever é oferecer algo para ler. Assim, a coesão e a coerência têm aspectos voltados tanto para o lingüístico quanto para decisões relativas ao contexto social, cultural e cognitivo, levando em conta o interlocutor visado.

Para tanto, ao longo do livro, uma série de mitos é abalada. Por exemplo: não é verdade que só os dotados pela natureza escrevem bons textos. A rigor, todos, com algum esforço, podem produzir bons textos. Outro mito é a idéia de que todo texto deve ter elementos coesivos na superfície textual para funcionar. O que ele deve é permitir a compreensão. Constitui, ainda, uma visão distorcida imaginar que a repetição seja coisa da língua falada; basta ver a quantidade de repetições encontradas em textos jornalísticos, romances e trabalhos de teses, entre outros. A repetição, como mostra Irlandé Antunes, é um recurso expressivo de enorme importância e até necessário em alguns gêneros textuais. Além desses, muitos outros mitos em relação à escrita vão sendo derrubados com enorme clareza e sedução argumentativa.

Não creio que seja minha missão dizer, numa breve apresentação, tudo o que a autora trata em obra de tanta densidade e com enorme transparência. Numa apresentação, tal como o gênero exige, deve-se criar o gostinho da leitura no leitor. Espero ter atingido este objetivo nestas breves observações. E assim, para saber mais, remeto você, leitora, leitor, à leitura atenta. Mas não poderia finalizar sem citar aqui o poema que serve de epígrafe ao capítulo 10, “A coesão e coerência”. Eis a magnífica passagem:

*Subi a porta e fechei a escada.
Tirei minhas orações e recitei meus sapatos.
Desliguei a cama e deitei-me na luz
Tudo porque
Ele me deu um beijo de boa noite...*

(AUTOR ANÔNIMO)

Após introduzir esse poema, a autora se indaga, logo no início do capítulo:

Seria esse texto incoerente? É possível descobrir nele alguma ponta de sentido? Melhor dizendo, é possível recuperar alguma unidade de sentido ou de intenção? Serve para 'dizer' alguma coisa? Se serve, como encarar o fato de as palavras estarem numa arrumação linear que resulta sem sentido? A porta sobe? A gente fecha a escada? A gente tira as orações e recita os sapatos? A gente desliga a cama e se deita na luz?

Não é difícil concordar com Irandé Antunes: o texto tem tudo para não dizer nada. Tem tudo para não funcionar, mas, felizmente, como constata a autora, vivemos num mundo em que nossas experiências e condições sociais, culturais e cognitivas permitem saber como se sentem os amantes beijando-se com ardor... Tudo se inverte, e então é possível até mesmo recitar sapatos, desligar a cama ou fechar a escada. A anônima poetisa (creio que 'o autor' é uma mulher), foi mais do que coerente: deixou-nos plenamente cientes de como se sentira após o beijo. Como acertadamente lembrado por Irandé a este propósito,

esse texto é coerente não porque, simplesmente, é um texto poético. Ele é coerente porque se pode, por uma via qualquer, recuperar uma unidade de sentido, uma unidade de intenção.

Pois bem, é mais ou menos assim — como a amante de que trata o poema acima — que você, leitora, leitor, vai se sentir em relação à coesão e à coerência depois de estudar este livro. Vai entender que é possível ser coerente e coeso sem seguir linearmente e na superfície, vai descobrir que na língua nem tudo é transparente e que muitas coisas só se constroem na relação com o leitor no ato da escritura voltada para a interação. O que se dá igualmente na produção oral. Enfim, na vida há muito mais do que formas lingüísticas quando lidamos com a língua em funcionamento. E é deste algo mais que vem a maior parte dos efeitos de sentido que os textos provocam em nós. Neste livro você vai aprender como organizar o aspecto lingüístico em consonância com este algo mais. E o mais importante: você não precisa ser um técnico em lingüística para entender do que se trata e começar a agir na sua produção textual com maior segurança. Aproveite!

LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI
Recife, setembro de 2005